



Tereguás¹

Gabriela JACQUES²

Davi Rocha de LIMA³

Juliana Nascimento PEREIRA⁴

Maria Helena GAMAS⁵

Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

O documentário *Tereguás* surgiu da inquietação sobre a inserção do indígena na sociedade de hoje, com o objetivo de mostrar as dificuldades em se manter a cultura desse povo. Para tal, contamos com a exposição do dia-a-dia da aldeia Tereguá, além de depoimentos dos próprios tereguás, e de especialistas nas áreas de Sociologia e Antropologia. A exposição do conflito entre o antigo e o moderno na aldeia é usada para desmistificar a ideia do indígena tradicional cultivada nas sociedades não-indígenas. Para cumprir os objetivos propostos no projeto se fez necessário um estudo do conceito de cultura, subjetividade e desenraizamento. Posteriormente uniu-se o conhecimento teórico pesquisado ao estudo de imersão na rotina da aldeia, além das entrevistas adquiridas no processo de produção. Com isso obteve-se um relato documental e expositivo do que é a aldeia Tereguá hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Índio; identidade; desenraizamento; cultura.

INTRODUÇÃO

O conflito base que calcou a idealização do produto, diz respeito a como a contraposição dos significados culturais indígenas e do homem branco transmitem as subjetividades dentro da aldeia. Nesse sentido, este trabalho visa retratar a luta dialética que se dá entre os signos tradicionais indígenas e os signos da cultura contemporânea e como sua síntese forma um “ser” indígena paradoxal, visto sempre como um ser dificilmente classificável, com uma linha tênue separando suas ligações culturais tradicionais das influências da cultura contemporânea do homem branco.

Com o objetivo de promover uma discussão e reflexão sobre esse tema, *Tereguás* foi produzido tendo como personagens índios da aldeia indígena Tereguá (localizada em Avaí, São Paulo – 35 km de Bauru). O conflito do documentário se refere às transformações as quais o índio se vê submetido pelo contato em larga escala com a cultura contemporânea do

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Jornalismo, modalidade Documentário em Vídeo (avulso).

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: gabi_jacques@yahoo.com.br

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: odavirocha@gmail.com

⁴ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: junpereira@hotmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo, email: gamas@faac.unesp.br



homem branco. As fontes de informação utilizadas são os próprios índios e professores das áreas de Antropologia e Sociologia.

2 OBJETIVO

Tereguás tem como objetivo retratar a dificuldade de se manter uma cultura diversa à cultura dominante da sociedade contemporânea. A cultura indígena é elemento da cultura brasileira que há muito passa por mudanças não integradas à totalidade dos elementos culturais nacionais. A partir do pressuposto de que o índio faz parte do nosso imaginário, procurou-se, com este trabalho, entrar em contato com a realidade de uma aldeia indígena e promover discussão sobre o tema.

Para atingir tal objetivo procuramos mostrar, através de relatos dos próprios índios, o que para eles significa ser índio hoje, parte de seu o dia-a-dia, o conflito gerado pela influência da cultura do homem branco em sua realidade e de seus indivíduos no ambiente fora desta. Além deles, trabalhou-se com a visão de dois professores, Dr. Cláudio Bertolli, antropólogo, e Dra. Maria Antônia Vieira Soares, socióloga, principalmente no que se diz respeito à desenraizamento e resignificação.

3 JUSTIFICATIVA

O conflito entre as culturas indígena e do homem branco é antigo e ainda evidente hoje. Do ponto de vista do índio a questão é mais complicada porque no passado significou, por vezes, a destruição de comunidades inteiras e, ainda hoje, implica possíveis perdas de características culturais e identitárias, resultando na submissão do índio a uma cultura alheia. Atualmente os índios vivem cada vez mais estes conflitos. Há de se lembrar que no ano da descoberta existiam no Brasil milhões de índios espalhados em seu território. Hoje a sociedade indígena é aproximadamente 0,2% da população, estimada entre 350.000 e 800.000 pessoas, a maioria pertencendo à micro sociedades, com populações limitadas até 200 ou 1000 indivíduos por sociedade.

A aldeia Tereguá, por exemplo, vive diariamente a tentativa de conciliação das influências do mundo contemporâneo com a própria cultura. Existe na aldeia uma busca pela convivência harmoniosa entre os valores tradicionais reafirmados pelos indivíduos mais velhos e os novos valores que são resultados do contato dos indivíduos mais velhos com a cultura do homem branco.



Com isso, a própria definição do que é ser índio hoje é confusa. Os próprios personagens deixam claro que em suas línguas originais a palavra índio não existe, destacando que cada etnia tem costumes, crenças e idiomas particulares, ou seja, identidades diversas. Enquanto isso, estudos teóricos tentam assim definir o índio:

Vários têm sido os critérios propostos para distinguir os indígenas das demais populações que hoje habitam a América. São eles: o racial, o legal, o cultural, o de desenvolvimento econômico e o de auto-identificação étnica. Deve-se lembrar que existem dois modos pelos quais os homens transmitem suas características a seus descendentes: há aqueles cuja transmissão é regulada pelas leis da genética; há outras, como a língua, os costumes, as crenças, os hábitos, que o indivíduo vai recebendo pouco a pouco pelo aprendizado, formal ou informal, intencional ou não, com os outros membros de sua sociedade. (MELATTI, 2007, p.32)

No caso da aldeia Tereguá, fica evidente, com os depoimentos dos indígenas retratados no filme, que o critério cultural é o mais usado para sua identificação, como no depoimento de Valdirene Lupi, que diz que se o índio não sabe falar seu idioma de origem ele não é índio.

De fato, como se sabe, a relação entre nação e língua é muito estreita. O idioma é a principal ferramenta de unificação cultural, e o pertencimento de um indivíduo a uma comunidade é, na maioria das vezes, "dito" ou "declarado" em primeiro lugar. A língua é um equipamento comunicacional que precisa ser aprendido; é, portanto, um adequado marcador de distintividade para membros de diferentes culturas e nações. O uso do idioma em determinada sociedade é, em geral, estável o suficiente para garantir a comunicação entre várias gerações, mas é também flexível o suficiente para incorporar rapidamente mudanças históricas e/ou sociais. (BOURDIEU, s.d., p.124)

Como se trata, portanto, da questão da identidade, procuramos retratar os significados e valores presentes na cultura desse povo indígena, de modo a contribuir para a um esboço da questão da identidade de um grupo representante desta cultura.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a realização do documentário *Tereguás* foi necessário fazer primeiramente um estudo sobre cultura, para podermos entender ao certo o que é a identidade cultural. De forma resumida, cultura é um conjunto de padrões de comportamentos, valores, crenças,



costumes ou atividades de um grupo social. Podemos dizer então, que cultura se refere à formação do homem dentro da sociedade em que ele está inserido. A partir daí, faz-se necessário estudar também o que é a subjetividade, pois ela é o outro ponto de partida para a realização do trabalho. Podemos chamá-la de “mundo interior” do homem, o qual abrange o reino das ideias e das emoções. É a parte mais íntima do ser humano a partir da qual o homem constrói significados para si sobre o mundo exterior. Porém a subjetividade não é formada sozinha, pois desde pequenos estamos aprendendo o que é certo ou errado, e diariamente fazemos experiências com outras pessoas. Resumindo, é a partir do contato com o Outro que se apreende o Eu.

Quando unimos os dois conceitos iniciais do trabalho, a cultura e a subjetividade, temos a base da relação interpessoal da nossa sociedade: a ideia da identidade cultural. E é sobre essa identidade cultural que vamos focar no decorrer do documentário. Então,

para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural. Não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. (CUCHE, 1999, p.182-183)

Desde sempre o homem se desenvolveu a partir de inúmeras civilizações. Todas essas sociedades geraram um grande número de culturas, pois o homem sempre esteve em contato com outro homem, e vários e vários costumes foram construídos e moldados.

Com a evolução das formas de socialização do homem, os contatos sociais ficaram cada vez mais fácil de acontecer, e inevitavelmente, as sociedades se distanciaram das suas raízes, uma vez que, como afirma Ecléa Bosi, em seu livro *Cultura e Desenraizamento*, “as conquistas territoriais resultaram em um desenraizamento e na morte das tradições”.

Essas confluências de culturas são próprias do ser humano, já que este é passível de evolução, e está em constante mudanças para melhor se adaptar ao mundo exterior. Existe uma “natural evolução dos usos e costumes, influências do aparato tecnológico e dos avanços gerais impostos pelas ordens sociais e econômicas em constante mutação, materializando-se a circularidade comentada por Bakhtin” (NÓBREGA, s.d.).

Entre as sociedades que mais sofreram no Brasil com essa morte das tradições está a indígena que, em busca de sua adaptação ao mundo, deixou de lado parte de suas tradições, com parte de seu povo valorizando a cultura do homem branco em vez de sua própria, e



com isso, fortalecendo o envolvimento da cultura do outro e enfraquecendo suas próprias tradições.

Para a realização do documentário *Tereguás* foi necessário um conhecimento prévio da rotina do índio como parte do processo de pesquisa dos personagens do documentário. Em uma primeira viagem, levando apenas gravadores de voz e máquinas fotográficas, fizemos uma visita inicial de reconhecimento, onde buscamos conhecer algumas aldeias da região de Bauru. Escolhemos a aldeia Tereguá localizada no município de Avaí, pois nela foi fundada, em 2008, uma Escola Estadual, da 1ª a 8ª série, onde, além das disciplinas tradicionais, a disciplina “Idioma” também faz parte do horário escolar. Com isso, ficou claro uma contradição, o uso do ambiente escolar, criado pelos homens para ensinar aos índios suas tradições orais. Assim, essa seria a aldeia ideal para discutir a questão do desenraizamento e da busca pela identidade por parte de uma aldeia indígena.

A partir de conversas com os moradores da aldeia, percebemos a existência de três pontos de vista diferentes dentro da aldeia Tereguá - que são o ponto de vista tradicionalista dos idosos, o de negação da própria cultura sustentado pelas crianças e adolescentes, e o conciliador dos adultos que buscam uma forma de imergir na cultura contemporânea sem perder a indígena. Tratar dessas temáticas tem como objetivo expor o conflito vivido pelo indígena representado nesse produto pelos índios da aldeia Tereguá, além de mostrar ao espectador a atual realidade de uma aldeia indígena.

Quando os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações da vida cotidiana, não tem outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou da busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia. etc.) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de dissimulação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima.(BOURDIEU, s.d., p.124)

A partir disso, unimos os estudos prévios sobre cultura, subjetividade e identidade cultural com o conhecimento da situação dos índios da aldeia Tereguá. Levantamos debates a respeito da posição do indígena na sociedade atual. E fomos tomados por algumas inquietações. A partir dessas inquietações, tornou-se viável a produção do documentário, pois ele se propõe responder dúvidas pertinentes a como equilibrar essas duas culturas tão diferentes.



Para responder às nossas inquietações, convidamos os professores Dr. Cláudio Bertolli e Dra. Maria Antônia Vieira Soares para nos esclarecer questões como a definição do índio, de minorias, de desenraizamento, e sobre a trajetória antropológica e sociológica (respectivamente) que explica a situação atual dos índios.

O documentário tem aproximadamente 30 min. e não busca gerar uma tese científica, mas sim abordar a opinião dessas pessoas sobre esse tema tão polêmico (a formação das subjetividades indígenas). Para isso, desde a realização do roteiro, optou-se por um documentário narrativo, porém, sem narrador, pois como afirma Barry Hampe em *Escrevendo um Documentário* “a vida não vem com um narrador ou música de fundo. Então, um documentário que se baseia na vida real, também não deveria precisar disso.” Assim, as entrevistas são seguidas de entrevistas, em um plano sequência sem off, vez ou outra ilustrada por imagens ou dados.

Também foi no pré-roteiro que foram definidos planos, enquadramentos e movimentos de câmera a serem utilizados no decorrer das filmagens. Como Robert B. Musburger define,

documentário é um filme que lida com as relações entre as pessoas e o meio onde vivem, as pessoas e o trabalho, as pessoas em relação a outras pessoas e qualquer combinação dessa relação conforme percebida em qualquer sociedade existente na época da produção do filme. (MUSBURGER, 2008, p. 121)

Justamente para preservar essa relação e extrair naturalmente das pessoas as informações necessárias, optou-se por uma maioria de planos médios, com enquadramento da cintura para cima, ocasionalmente um ou outro plano fechado em close no rosto foi utilizado. Para as imagens de apoio, panorâmica horizontal para a apresentação da aldeia, e planos abertos, muitas vezes seguidos de zoom.

E porque a necessidade de já ter tudo isso esquematizado antes da gravação? Ora, segundo Willians Balan, é o roteiro que determina as ações que se desenvolvem sequencialmente pelo desenrolar da história, resultando em um planejamento e uma posterior objetividade na parte da decupagem nas ilhas de edições. “A importância do roteiro bem elaborado é para que toda a equipe possa desempenhar adequadamente suas tarefas e providências de produção”.

A parte técnica utilizada foram câmeras mini-DV, microfones e *boom* para a gravação das externas na aldeia. O público-alvo de *Tereguás* são os interessados por cinema



documental como um todo, ou mesmo antropólogos, sociólogos e teóricos que buscam o entendimento das relações culturais brasileiras, com foco na cultura indígena.

As gravações foram feitas durante o mês de outubro e novembro de 2009, por integrantes do grupo e pelos técnicos da universidade. A edição foi de autoria do grupo com revisão dos técnicos. No total, foram gastos R\$ 80,00 nas viagens para Avaí, fitas mini-DVs e DVDs.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

No documentário, o intuito é fazer com que os entrevistados indígenas definam o que consideram por cultura indígena, a partir da pergunta *O que é ser índio?* Após isso entrará em foco o questionamento sobre a formação da identidade do índio nos dias atuais.

Então, os conjuntos de ideias que compõem nosso documentário são: a apresentação da aldeia; apresentação da escola; definição do ser indígena, (conseqüentemente do ser não indígena) evidenciando a cultura que rodeia esses elementos sociais – nessa parte fala-se de cultura, desenraizamento e preconceito – é aqui onde mais se tem as visões sociológicas e antropológicas; a importância da escola e a representação da escola como o resgate da cultura.

Como personagens, entrevistamos o cacique da aldeia, Anildo Lulu, a sogra do cacique Dona Aracy Simão dos Santos, a criança Amilton da Silva, a mãe da criança e professora da escola Valdirene Lipu, o líder da aldeia Elizeu Caetano, o professor de Idioma, Joselino Ribeiro da Silva e o estudante de Artes da Universidade Estadual Paulista, Budaga Deroby.

Com as entrevistas fica claro alguns papéis sociais que os indígenas exercem na aldeia e como eles estão relacionados com o conflito da identidade que se encontra o índio na sociedade atual.

O cacique Anildo Lulu se mostra um conciliador da cultura do não-índio (maneira como ele mesmo descreve o dito homem branco) e o indígena; a criança aparece como o resultado da tentativa dos pais e do cacique de manter a cultura neles, pelo incentivo que o menino recebe e a idéia de que ele é índio e de como ele acha a escola da aldeia melhor.

Valdirene apresenta um conflito de gerações, porque viveu a época em que a influência do homem branco ainda não era tão forte dentro da aldeia, o tempo posterior, em que a cultura indígena passou a ser influenciada pelo homem branco e o momento atual, de resgate cultural. Dona Aracy mostra o ponto de vista mais conservador e mais preservado da cultura característica do indígena, principalmente pelo fato dela não falar o português.



Mesmo assim, até ela, a mais conservadora, assume a importância da escola como forma de preservar a cultura do índio, pois, como ela mesma diz: "se antigamente nós aprendemos o português forçadamente, porque não aprender a nossa própria cultura?"

O professor representa um reconhecimento da importância da preservação da cultura indígena, uma vez que em sua infância chegou a negá-la, e hoje é ele quem passa o conhecimento da língua para os mais novos. O líder expõe a estrutura da escola e seu conteúdo.

Budaga Deroby aparece como o personagem que vive o estágio mais consciente da mistura cultural que vive seu povo, desde sua criação, como conta no filme, e ao mesmo tempo mantém total consciência de que precisa, e sente prazer nisso, ajudar a conciliar os conhecimentos do homem branco com uma forma de manter base da cultura do índio.

6 CONSIDERAÇÕES

O documentário *Tereguás* espera ter cumprido seu papel na proposição de mostrar o quanto a cultura indígena está passando por um momento delicado com relação às suas tradições e o quanto é importante refletir sobre a falta de identidade de um povo que é uma das bases de toda a cultura brasileira. Acreditamos que dando voz aos índios, diretamente envolvidos nesse processo de desenraizamento e preservação de suas tradições, unidos às vozes de dois teóricos especialistas no assunto, temos dois panoramas importantes e ricos em conteúdos para promover essa reflexão.

Usamos o meio audiovisual para promoção dessas ideias por acreditar na importância que esse meio tem para o envolvimento dos entrevistados na reflexão do tema relacionado a si mesmo. Experiência que se mostra muito importante, já usada de maneira extremamente bem sucedida pela equipe responsável pelo projeto Vídeo nas Aldeias, que busca o auto-reconhecimento da identidade indígena filmada por índios de todo o Brasil. Em nosso caso, acreditamos na importância desse reconhecimento, mas com parte de nossa interpretação e ajuda das vozes dos professores que dão as vozes representativas da cultura do homem branco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



BALAN, Willians Cerozzi. **A organização da produção em TV**. Disponível em <<http://www.willians.pro.br/disciplinas/A%20Organizacao%20de%20Producao%20em%200TV.doc>>. Acesso em 24 de agosto de 2009.

BOSI, Éclea. **Cultura e desenraizamento**. In: BOSI, Alfredo (ORG.). Cultura brasileira: Temas e situações. São Paulo: Ática, 1987, p.16-41.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Bertrond/Difel, s.d., p.124

COHN, Clarice. **Culturas em Transformação: os índios e a civilização**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200006&lang=pt>. Acesso em 02 de setembro de 2009.

CUCHE, Denys. **Cultura e identidade**. In: A noção de cultura em ciências sociais. Bauru: EDUSC, 1999, p.175-202.

HAMPE, Barry. **Escrevendo um documentário**. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/planejamento/nuppag1/Escrevendo%20um%20documentario.pdf>>. Acesso em 04 de setembro de 2009.

MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2007.

MUSBURGER, Robert B. **Roteiro para mídia eletrônica**. Campus, 2008.

NÓBREGA, Zulmira. **Cultura popular na pós-modernidade**. Disponível em <www.cult.ufba.br/enecult2008/14345.pdf>. Acesso em: 27 de agosto de 2009.

SCHNEIDER, Jens. **Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132004000100004&script=sci_arttext>. Acesso em 01 de setembro de 2009.